

**CAMINHOS PARA A ABORDAGEM DO SUJEITO CERRADEIRO: A PROPOSTA DA
CARTOGRAFIA EXISTENCIAL****PATHWAYS FOR APPROACHING THE SUBJECT OF THE CERRADO: THE
PROPOSAL FOR EXISTENTIAL CARTOGRAPHY**

Marielly de Sousa Miranda
Graduanda em Geografia pela Universidade Federal de Goiás
mariellymiranda@outlook.com

Eguimar Felício Chaveiro
Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo
Eguimar@hotmail.com

RESUMO: O Cerrado tem sido alvo constante de desmatamento devido a interesses econômicos do mercado global. Somado a isso, sujeitos que dependem dos recursos naturais desse bioma, e que possuem uma afetividade pelo lugar são praticamente varridas desse território em nome da acumulação de capital. Assim, no campo das ciências geográficas pode-se pensar em uma questão: como realizar uma abordagem espacial dos povos cerradeiros, tendo em vista a realidade atual desse território? A proposta sugerida são as cartografias existenciais, que levantam fluxos e histórias de vida, e assim superam visões errôneas dos grupos sociais e possibilitam o entendimento da real situação desses povos. Para a realização desse trabalho, contou-se com leituras, trabalhos de campos, organização de colóquios de pesquisa e de discussões em torno da temática das Cartografias Existenciais e do Cerrado no âmbito do grupo de pesquisa-CNPQ – “Espaço, sujeito e existência”. Além de conteúdos da pesquisa-CAPES “Desenvolvimento territorial e Sociobiodiversidade: perspectiva para o mundo do Cerrado”.

PALAVRA CHAVE: Cerrado; Cartografia; Desmatamento; Social.

ABSTRACT: The Cerrado has been a constant target of deforestation due to economic interests of the global market. Added to this, people who depend on the natural resources of this biome, and who have a affectivity for the place, are practically swept away of that territory in the name of the accumulation of capital. Meanwhile, in the field of geographic sciences we can think of a question: how to carry out a spatial approach of the Cerrado peoples, in view of the current reality of this territory? The suggested proposal is the existential cartographies, which raise flows and life histories, and meanwhile overcome erroneous views of social groups and make possible the understanding of the real situation of these peoples. In order to carry out this work, readings, field work, organization of research colloquiums and discussions on the subject of Existential Cartographies and the Cerrado within the CNPQ research group - "Space, subject and existence". In addition to the contents of the research-CAPES "Territorial development and Socio-biodiversity: perspective for the world of the Cerrado".

KEYWORDS: Cerrado; Cartography; Deforestation; Social.

INTRODUÇÃO

O Cerrado pode ser entendido como berço da sociobiodiversidade. Esse termo, sociobiodiversidade, pode ser explicado a partir de uma rápida análise do território do Cerrado brasileiro que, segundo o Ministério do Meio ambiente é considerado o segundo maior bioma da América do Sul e ocupa cerca de 22% do território nacional. A sua extensão incide sobre os estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Piauí, Rondônia, Paraná, São Paulo e Distrito Federal, além de encaves no Amapá, Roraima e Amazonas. Neste espaço territorial encontram-se as nascentes das três maiores bacias hidrográficas da América do Sul, e por isso ele também é considerado como berço das águas.

Do ponto de vista da biodiversidade, ele é reconhecido como a savana mais rica do planeta, e conta com mais de 11.627 espécies de plantas nativas, 199 espécies de mamíferos, 837 espécies de aves, 1200 espécies de peixes, 180 espécies de répteis e 150 espécies de anfíbios.

Mas a diversidade não se encontra só no campo biológico. O Cerrado conta com uma vasta diversidade de povos. Em sua população há comunidades tradicionais, como quilombolas, geraizeiros, quebradeiras de coco, agricultores familiares e de povos indígenas.

A junção das expressões socio (social) e bio (biológico) ilustra a indissociação entre a população nativa e aspectos naturais do Cerrado. A afetividade dos sujeitos a pequenos símbolos do Cerrado, bem como o uso dos recursos naturais do bioma para a manutenção da vida são apenas alguns exemplos da importância do bioma para esses sujeitos.

Junta-se a isso, a crescente de degradação do bioma, que afeta diretamente esses sujeitos e faz com que toda a dinâmica do dia-a-dia dos povos cerradeiros se modifique.

Pensando nisso, se propõe uma abordagem dos povos cerradeiros a partir de suas cartografias existenciais. Tendo em vista que cada um desses sujeitos tem a sua forma singular de lidar com os atravessamentos simbólicos desse território tão diverso e singular.

A PROPOSTA DA CARTOGRAFIA EXISTENCIAL

A concepção de Cartografia Existencial faz parte do movimento chamado “virada cartográfica”, que tem como objetivo aproximar a cartografia de uma análise qualitativa dos sujeitos, como aparece no trecho a seguir:

Iniciativas recentes apontam o surgimento de cartografias com denominações como “novas cartografias sociais”, “cartografias participativas”, “cartografias da ação”, “contra-mapeamentos”, entre outras. Tais cartografias se distinguem pela representação de aspectos da realidade (fenômenos, processos, elementos, atores, ações, etc.) pouco valorizados nas representações espaciais cartográficas hegemônicas – aspectos transformados em “não-existências”, como nos diz Boaventura de Souza Santos. Elas ganham distinção, também, pela produção de novas formas de representar, rompendo com as convenções cartográficas, e por variados processos participativos de produção – o que contempla distintas relações de poder/saber entre os tradicionais detentores dos meios de produção cartográfica e grupos sociais envolvidos nas realidades representadas (SANTOS, 2012, p. 16).

Nesse sentido, pretende-se direcionar o foco aos sujeitos e suas relações sociais. Mas isso não quer dizer que a cartografia quantitativa deve ser negada, como mostra Chaveiro no trecho a seguir:

Não se trata de abandonar o mapeamento estatístico ou qualquer outro método baseado na quantificação. Trata-se, pois, de incluir nas interpretações o processo social e histórico que funda a vida de qualquer sujeito. E como não há sociedade fora do espaço, nem espaço fora de qualquer sociedade, a determinação espacial passou a implicar-se nas análises como uma determinante real, concreta e totalizante. (CHAVEIRO, *et al*, 2016, p. 23).

Sendo assim, pensar uma cartografia centrada na existência dos sujeitos não é negar a cartografia tradicional. A intenção que se tem ao propor uma cartografia existencial é indicar mais um caminho para o estudo do sujeito, que está inserido em um espaço dinâmico que o atravessa constantemente.

Doreen Massey, atento a essa indissociação entre espaço e os sujeitos de vida, aponta para um modo de pensar “o espaço não como superfície, mas como uma multiplicidade de histórias-até-agora” (2008). Desse modo, a cartografia como representação do espaço, deve respeitar a mesma lógica proposta. Voltar-se aos sujeitos, ou às suas “histórias-até-agora” é pensar o espaço a partir das vivências, das representações construídas socialmente, dos conflitos e de todos os fatores que atravessam a existência de um ser.

Building the way

A partir disso, pode-se realizar alguns apontamentos para a construção do conceito dessa cartografia. Miranda e Chaveiro (2017) através de uma pesquisa com pessoas de diversas áreas do saber, não só da Geografia, buscaram levantar métodos, e conceituações a respeito da cartografia existencial. Algumas características se destacaram, estão elas contidas nas expressões: representação, qualitativa, experiência, possibilidade.

Primeiramente, essa cartografia não deixa de ser representação. Porém, a representação deixa de ter um aspecto quantitativo e passa a voltar-se ao qualitativo. Isso permite a aproximação da cartografia às experiências do sujeito espacial, ou seja, de suas trajetórias de vida, constituída a partir de sua experiência subjetiva localizada em um dado espaço e tempo.

Essas cartografias são influenciadas por diversos aspectos, e isso é que as tornam expressão espacial do viver. A sociedade inserida, o Estado, o modo de produção, a afetividade pelo lugar e pela paisagem e as diversas redes, atravessam as trajetórias dos sujeitos, formando fluxos e linhas imaginárias que revelam as marcas da experiência espacial.

A última palavra citada aqui como destaque presente na pesquisa é possibilidade. Ela aparece devido ao questionamento a respeito da possibilidade de se cartografar a existência de um ser. Um participante da pesquisa realiza uma fala que traz as pessoas como museu humano. Ele diz:

Pessoas estão abertas ao público, mas que para visitá-las é preciso o cuidado na forma de chegar, olhar, manusear, compreender. Suas cartografias existenciais muitas vezes guardam mapas desbotados, cartas rasgadas, teias de aranha, um pouco de mofo, pedaços dobrados, rasuras, descuidos, manchas... Amor, ternura, tolerância, alteridade são senhas de chegada para a visita. Descobrir que Pessoas adquirem, conservam, investigam, difundem e expõem os testemunhos materiais do homem e de seu entorno. Há em cada museu humano um pouco de cada um de cada um em si que compôs, compõe e continuará compondo a sinfonia da vida. A sinfonia em si da vida que serve de trilha sonora da visita ao museu humano não seria música se não tivesse todas as notas musicais dó, ré, mi, fá sol, lá, mesmo sendo composta em Si – maior ou menor – não importa. Descobrir, ainda, que Pessoas existem para educação e deleite da sociedade Cartografias existenciais não é um novo ramo da ciência, tampouco obra de ficção. É apenas uma forma singela de visita aos museus humanos das marcas do mundo. (MIRANDA, CHAVEIRO. 2017, p. 30).

O autor começa sua fala com um ponto muito importante para qualquer análise que envolva sujeitos, o cuidado. Ao realizar uma visita aos “museus humanos” é preciso

Building the way

que se tenha respeito e sensibilidade para compreender as marcas e os fluxos espaciais existentes, sem gerar marcas de angústia ou constrangimento.

Dessa forma, a cartografia existencial gera uma abertura de sentidos e significados para a compreensão dos sujeitos e do espaço. Os fluxos de vida e as experiências apontam para a unicidade de cada um, e com isso a possibilidade de rompimento dos preceitos e preconceitos tidos sob um povo ou um grupo fragilizado aumenta.

O LUGAR DO AFETO: CARTOGRAFANDO TRAJETÓRIAS DE VIDA

Ao propor uma análise dos povos cerradeiros sob um olhar das cartografias existenciais, a análise perpassa o ambiente, e passa a abordar sujeitos de profunda sabedoria e respeito a natureza. Grande parte desses povos depende diretamente dos recursos naturais do Cerrado para a manutenção de suas vidas e de sua família, e detêm um conhecimento tradicional de sua biodiversidade.

Esses povos são constantemente atravessados pela economia global de mercado, fruto do meio técnico-científico, ou ainda como indica Santos (2002) técnico-científico-informacional. Os agentes dessa economia global não se importam com os efeitos que sua ambição pode causar ao bioma e, como mostra Chaveiro (2017) “O modelo econômico que extingue espécies da fauna e da flora, erodir a biodiversidade, envenenar a terra e água, criar, enfim, a miséria existencial, ou o empobrecimento do vivente”.

Isso pode ser notado nos noticiários que mostram que o Cerrado sofre diariamente com queimadas criminosas, que atingem as espécies endêmicas existentes naquele local. Pelo menos 137 espécies de animais que ocorrem no Cerrado estão ameaçadas de extinção.

Hoje, segundo o Ministério do Meio Ambiente, o Cerrado conta com mais de 220 espécies de uso medicinal. Isso atrai os interesses da indústria farmacocômica, que apropria dos saberes dos povos locais na tentativa de monopoliza-los.

Além disso, há uma diminuição dos recursos naturais da região, sobretudo nas três últimas décadas devido aos avanços da fronteira agrícola. A exploração das árvores

Building the way

do Cerrado para a produção de carvão também é um fator de intensa destruição da paisagem.

Soma-se a isso, a crescente pressão para a abertura de novas áreas destinada a produção de alimentos para a exportação, invasão de madeireiros, a grilagem e o confinamento das terras e a construção de usinas hidrelétricas, que expulsam os moradores locais de suas casas e os obriga a se instalar em nas grandes cidades, ou na maioria das vezes na periferia, aumentando os problemas estruturais das cidades, o fluxos migratórios e a desigualdade social.

Nesse sentido, pode-se pensar no que Chaveiro chama de atravessamentos do viver.

Problemas como a pilhagem territorial, o conflito por água e terra; a migração forçada, a urbanização de modos de vida se juntam a mercantilização do diferente – e da diferença. Como no mecanismo da sociedade da pressa as bases subjetivas e simbólicas são implicadas, problemas como o adoecimento, a violência, o estresse, a depressão, a ansiedade ou outros tipos de distúrbios atravessam o tecido social geral. (CHAVEIRO, 2017, p. 50).

Esses atravessamentos do viver são existenciais. A sobrevivência e, sobretudo os afetos desses povos pelo lugar são deixados de lado em nome da acumulação de capital.

É pensado nisso que se levanta a importância de um olhar para os afetos e para a perversidade dos processos de apropriação sofrida por esses sujeitos.

A tarefa do cartógrafo é viabilizar a passagem de afetos que encontra no curso de suas andanças e cruzamento de fronteiras existenciais. Mais do que encontrar afetos, o cartógrafo também participa da criação destes. Ele acompanha processos existenciais e assim agencia, com os corpos aos quais se encontra, experiências que ainda não possuem lugar no mundo e nem no seu próprio corpo-pensamento-existência. (ROSA, 2017, p. 196).

Assim, a sensibilidade de perceber os diversos fatores que cruzam e delimitam fronteiras nas existências dos povos cerradeiros é indispensável.

Nesse sentido, podemos falar de um termo abordado por Mendonça (2001), o socioambiental. Ao realizar uma análise dos povos é impossível não abordar a questão ambiental, por isso o autor propõe a junção dos termos. Isso também deve ser proposto no estudo dos povos cerradeiros, tendo em vista que o desmatamento do Cerrado

Building the way

atrelado aos interesses de uma economia mundializada geram grandes impactos no modo de vida desses povos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Cerrado é rico em sociobiodiversidade, mas tem sofrido com ameaças constantes causadas pela tentativa de aumento da acumulação de capital. A sociedade local é atingida por uma cultura de mercado, e ao mesmo tempo tem sua cultura mercantilizada. Os bens naturais de seu território são apropriados e suas vidas atravessadas.

Essa situação desafia os formatos teórico-metodológicos e levam a propor um olhar mais atento aos sujeitos. Com isso, a cartografia existencial se mostra como um dos caminhos para a análise. Ela possibilita a compreensão dos modos de agir, das resistências desses povos perante as ameaças sofridas, das suas estratégias de vida.

E assim, ao realizar um estudo desses povos cerradeiros, percebe-se que embora suas identidades tradicionais sejam bombardeadas pelos símbolos e desejos do mercado global, elas ainda permanecem, de modo que a afetividade pelo lugar os dá forças para lutar pela preservação e a permanência em suas terras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **O Bioma Cerrado**, Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/biomas/cerrado> >. Acesso em: 02 de nov. de 2017.

CHAVEIRO, Eguimar. et al. **A estrutura demográfica das pessoas com deficiência no Brasil: indicadores da desigualdade, força da diferença**. Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais – UEG/Campus Iporá, Goiás. v.5, n.1, p. 19-37, jan./jul., 2016.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. **TERRITÓRIOS TRADICIONAIS E REPRESENTAÇÕES LOCAIS: vidas atravessadas**. Revista Produção Acadêmica, v. 3, n. 01, p. 44-56, 2017.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MENDONÇA, Francisco. **Geografia socioambiental**. Terra Livre Editorial, n. 16, p. 113-132, 2001.

MIRANDA, Marielly de Sousa, CHAVEIRO, Eguimar Felício. **A vida como mapa: narrativas sobre cartografias existenciais – uma experiência de pesquisa de pessoas com deficiência**. In: SIGEOLITERART 2017 – III Simpósio Internacional e IV Simpósio Nacional de Geografia, Literatura e Arte. Dourados: Mato Grosso do Sul, 2017, encontrado em: < <https://www.geolinguagens.com.br/anais> >. Acesso em: 02 de nov. de 2017.

ROSA, Rogério Machado. **A cartografia como estratégia de pesquisa: agenciamento de afetos**. Rizoma: Experiências interdisciplinares em ciências humanas e ciências sociais aplicadas, v. 2, n. 1, p. 191-202, 2017.

SANTOS, Renato Emerson. **Disputas cartográficas e lutas sociais: sobre representação espacial e jogos de poder**. In: XII Colóquio de Geocrítica. Bogotá: Bolívia, 2012, pag 1-16, encontrado em: < <http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2012/actas/16-> >. Acesso em: 02 de nov. de 2017.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.